

## **A parceria Associação Brasileira de História das Religiões/Paulinas: experiências de publicações em estudos de religião**

The Brazilian Association of the History of Religions / Paulinas partnership:  
publications experiences in religion studies

*Vasni de Almeida\**

### Resumo

Nesse artigo refletimos sobre os esforços, as dificuldades e os avanços verificados para na parceria entre a ABHR e as Edições Paulinas no que se refere à publicação de pesquisas em estudos de religião. Como se trata de analisar textos impressos e suas formas de autorização e veiculação guiamo-nos pela compreensão de Roger Chartier acerca dos livros e de seus usos. Para esse autor, as mensagens religiosas, culturais, políticas e sociais, como toda leitura, não são discursos neutros, antes, eram exteriorizações das percepções do mundo social. A ABHR, fundada em 1999, precisava de um espaço de publicação – e de uma editora - que chancelasse junto à comunidade acadêmica os textos produzidos por seus pesquisadores. Verificamos, no artigo, o processo de constituição desse espaço de publicação junto aos seus membros, apontando os avanços e problemas que cercaram tais edições.

Palavras-chave: Religião. Sociedade. Diversidade Religiosa.

### Abstract

In this article we reflect on the efforts, difficulties and progress made in the partnership between the BAHHR and the Paulinas Editions regarding the publication of research in religion studies. As it is a question of analyzing printed texts and their forms of authorization and circulation, we are guided by Roger Chartier's understanding of books and their uses. For this author, religious, cultural, political and social messages, like all reading, are not neutral discourses but rather exteriorizations of the perceptions of the social world. The BAHHR, founded in 1999, needed a publication space - and a publisher - that sealed with the academic community the texts produced by its researchers. We verified in the article the process of constitution of this publication space with its members, pointing out the advances and problems that surrounded these editions.

Keywords: Religion. Society. Religious Diversity.

---

\* Doutor em História (UNESP). Professor do curso de História da Universidade Federal do Tocantins.  
E-mail: [vasnialmeida@mail.uft.edu.br](mailto:vasnialmeida@mail.uft.edu.br)

## **Introdução**

As pesquisas científicas apresentadas nos eventos nacionais da Associação Nacional de História das Religiões (ABHR) ganharam visibilidade na comunidade científica na primeira década do século XXI. Um dos pilares dessa visibilidade foi a parceria estabelecida entre a ABHR e a Editora Paulinas, mantida pela Pia Sociedade Filhas de São Paulo<sup>1</sup>. Frutífera durante muitos anos, a Coleção ABHR/Paulinas possibilitou a publicação de textos apresentados em conferências, palestras de mesas redondas e comunicações em GTs, devidamente selecionados pelos organizadores dos eventos e analisados pela Comissão de Editores, indicada em assembleias da associação. Assim, temas envolvendo catolicismos, protestantismos, pentecostalismos, religiosidades populares, culturas religiosas, entre tantos outros, converteram-se em capítulos de livros.

Nesse texto refletimos sobre os esforços, as dificuldades e os avanços verificados nesse espaço de publicação, apontando para os compromissos das edições para com a consolidação da ABHR. Como se trata de um tema ligado a publicação de textos impressos e suas formas de autorização e veiculação, de início lembramos da compreensão de Chartier acerca dos livros e de seus usos, o que chamou de “nicho social de recepção” (1999, p. 21). Segundo o autor, a circulação de textos é sempre condicionada pelas circunstâncias culturais formativas da consciência dos leitores, que no limite, chancelariam os seus significados. A autorização dada aos livros permite a sustentabilidade das interpretações emitidas pelos autores. Com essa breve incursão em Chartier queremos alertar que as mensagens religiosas, culturais, políticas e sociais dos volumes que descrevemos não eram, como toda leitura, discursos neutros, antes, eram exteriorizações da percepção social e da busca de visibilidade da ABHR, seja em relação aos seus associados, seja em relação às instituições científicas ainda refratárias aos estudos sobre religião. (Chartier, 1990, p. 17). O que queremos afirmar com isso? Que a ABHR, fundada em 1999, precisava de um espaço de publicação – e de uma editora - que chancelasse junto à comunidade acadêmica os textos produzidos por seus pesquisadores, com as Edições Paulinas assumindo essa responsabilidade.

Para apresentar os temas, títulos e conteúdo das Coleções ABHR/Paulinas partimos, em primeiro lugar, da leitura das Atas das Assembleias da ABHR. Fizemos isso para verificar o processo de constituição desse espaço de publicação junto aos seus membros, apontando os avanços e problemas que cercaram as

edições dos volumes. Logo após, nos debruçamos sobre quatro volumes, descrevendo suas divisões temáticas, os capítulos desenvolvidos pelos autores e o que deles se esperava. Nas considerações finais, retomamos, em alguns parágrafos, algumas breves reflexões indicadas ao longo do texto.

### **1. A parceria nas Atas da ABHR**

A primeira menção feita a parceria entre a ABHR e as Editora Paulinas foi registrada na Ata da V Assembleia Geral da Associação, realizada no dia 28 de maio de 2003, nas dependências da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, sob a presidência de Paulo Donizete Siepierski. Na ata, “Silvio Sant’Anna informou que conseguiu efetivar parceria com a Editora Paulinas para três publicações consecutivas”: as organizadas por Silas Guerriero; Paulo Siepierski e Benedito Miguel Gil e por Mabel Salgado Pereira e Lyndon Santos. Informou ainda que finalizadas “as três publicações deverá ser efetuada uma avaliação pelos parceiros Associação Brasileira de História das Religiões e Editora Paulinas para verificar se é viável continuar a parceria” (Site da ABHR, Ata n. 05, 2003).

Em dia 02 de junho de 2004, durante a realização do VI Simpósio Nacional, ocorrido nas dependências da Faculdade de História da UNESP, Campus de Franca/SP, sob a presidência de Paulo Donizete Siepierski, foi notificado as formas de subvenção das publicações da ABHR, com a Editora Paulinas arcando com as despesas das tiragens futuras. (Site da ABHR, Ata n. 06/2004). Em 05 de maio de 2005, no anfiteatro da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em Belo Horizonte/MG, ainda sob a presidência de Paulo Donizete Siepierski, os sócios definiram que na falta de uma comissão editorial que respondesse pelas Coleções ABHR/Paulinas, os organizadores do evento do ano seriam os responsáveis pelos volumes. Foi registrado ainda que Silas Guerriero ficaria, até 2006, com o cargo de editor, sendo o responsável pela comunicação com a Editora Paulinas e pela publicação do IV volume da coleção da ABHR (Site da ABHR, Ata n. 08/2005).

No Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, sob a coordenação de Silas Guerriero, em 05 de maio de 2006, foi ressaltada a diferenciação entre o selo da Associação, destinado a obras individuais publicados por seus membros, e as publicações de textos dos simpósios. Muitos associados entendiam que a Comissão de Editores seria também a responsável pelas obras avulsas dos associados que pleiteavam o Selo ABHR. Foi lembrado que os textos

avulsos não passavam pelos editores. Notificou-se também que havia dificuldades de comunicação entre os organizadores dos simpósios, com Silas Guerriero ressaltado que os “organizadores enviam os trabalhos fora dos padrões, sendo que este trabalho recai sobre ele, por motivos de estar em São Paulo” (Site da ABHR, Ata n. 06/2006).

Na Ata da Assembleia da ABHR, realizada no dia 26 de maio de 2009, na Universidade Federal de Goiânia, sob a presidência Lyndon Araújo Santos, houve apenas uma menção às publicações, com o professor Lyndon afirmando “que fez a distribuição dos livros da coleção da ABHR para diversos programas de pós-graduação” (Site da ABHR, Ata n. 12/2009).

Na Assembleia de 2011, realizada no Campus da Universidade Federal de Juiz de Fora, o tesoureiro da ABHR informou “haver depósito pelas Paulinas a cada 2 ou 3 meses de 200 a 300 reais”. Indicando a eficácia da parceria entre a Associação e a editora, Silas Guerriero notificou “fazer o contato com a editora Paulinas” e que ela mantinha a “publicação anual com o selo da ABHR” (Site da ABHR, Ata n. 13/2011).

Em 30 de maio de 2012, nas dependências do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, UFMA, o presidente da ABHR, Wellington Teodoro da Silva franqueou a palavra a Silas Guerriero, o mediador das publicações junto às Edições Paulinas. Guerriero “informou sobre os problemas na distribuição dos livros da Edições ABHR, e apontou para “a necessidade de distribuir os mesmos em bibliotecas” (Site da ABHR, Ata n. 15/2012).

A última remissão às publicações ABHR/Paulinas se encontra na ata da Assembleia Geral, de 14 de setembro de 2015, realizada em nas dependências da Universidade Católica de Recife-PE. O tesoureiro, Waldney Rodrigues, pontuou que “o repasse da editora Paulinas, então responsável pela publicação referente aos encontros nacionais” estava ocorrendo como anteriormente (Site da ABHR, Ata n. 17/2015).

As atas sinalizam para um esforço editorial que apresenta pontos negativos e positivos, como ocorre em publicações pertencentes associações científicas. Entre os negativos encontramos a confusão que os sócios demonstravam entre o Selo ABHR, disponível a todos associados que pretendessem publicar alguma obra, e as Coleções ABHR/Paulinas, voltadas para a publicação de trabalhos apresentados nos eventos nacionais. Os equívocos se davam em razão do papel a

ser exercido pela Comissão de Editores. Seria ela a responsável pelas de obras avulsas dos sócios, pela Revista Plura e pela análise das Coleções ABHR/Paulinas? No tocante às publicações ABHR/Paulinas, ficou decidido, em 2005, que essa ficaria a cargo dos organizadores dos eventos nacionais e orientados pela Comissão de Editores. Outro problema enfrentado junto a Editora Paulinas dizia respeito à dificuldade dos organizadores dos eventos em cumprir os prazos estipulados pela editora. Somado a isso, havia reclamações quanto aos textos serem entregues sem a devida padronização, o que sobrecarregava os trabalhos do editor. Por fim, publicados os livros, havia problemas na sua distribuição, seja junto aos associados, seja para as bibliotecas universitárias. Entre os pontos positivos se encontram a prontidão da editora em assumir os custos das publicações e repassar à ABHR todos os recursos resultados das vendas efetuadas. Em que pese os problemas verificados, havia consenso entre os associados que a parceria seria importante para a consolidação da Associação.

## 2. Os temas recorrentes nas edições

No site da ABHR, são apresentadas oito as publicações das Coleções ABHR/Paulinas, a saber:

<b>Ano da publicação<sup>2</sup></b>	<b>Títulos</b>	<b>Organizadores</b>
2003	<i>Religião no Brasil: enfoque, dinâmica e abordagens, organizado por</i>	Paulo Siepierski e Benedito Gil
	<i>O Estudo das Religiões: desafios contemporâneos</i>	Silas Guerriero
		Ivan Aparecido Manoel e Nainora Maria Barbosa Freitas
	<i>Religião e Violência em tempos de Globalização</i>	Mabel Salgado e Lyndon de Araújo Santos
	<i>Sagrado e o Urbano: diversidades, manifestações e análise</i>	Mauro Passos, Paulo Agostinho Nogueira Baptista e Wellington Teodoro da Silva
2009	<i>Religião, Raça e Identidade: colóquio do centenário da morte de Nina Rodrigues</i>	Adroaldo José Almeida, Lyndon de Araújo Santos e Sérgio Ferreti.
2010	<i>Religiões e religiosidades: entre a tradição e a modernidade</i>	Angelo Adriano Faria de Assis e Mabel Salgado Pereira

2011	<i>Sociabilidades religiosas: mitos, ritos e identidades</i>	Eduardo Gusmão Quadros e Maria Conceição Silva
------	--	--

Disponível em: <http://www.abhr.org.br/>. Acesso em 08 de julho de 2018.

Não vamos, nesse texto, tecer considerações sobre todas as edições. Para nossos propósitos, consideramos que apenas quatro volumes são suficientes discorrer sobre os temas e títulos contemplados, com os quais a ABHR procurava dialogar suas pesquisas internamente, bem como com toda a comunidade científica.

Em 2003, a organização da coleção ficou a cargo de Paulo Siepierski e Benedito Gil, com a Comissão de Editores composta por Silvio Luiz Sant’Ana (editor), Frank Usarki, Sérgio Ricardo Coutinho e Silas Guerriero. Iniciando os enfoques metodológicos sobre história das religiões, em “O estudo da história das religiões no mundo: notas em celebração a afiliação da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR) à International Association of Religions (IAHR)”, Armin W. Geertz discorreu sobre “como se desenvolveram os estudos da religião numa abordagem global”. Em “Protestantismos na América Meridional”, Martin Dreher, ao se referir aos “protestantismos” (no plural), em um ambiente de forte influência católica, tratou “principalmente da gênese e do desenvolvimento desses protestantismos inseridos na realidade brasileira”. Sérgio Ricardo Coutinho, em “Para uma história da Igreja no Brasil: 30 anos da Cehila e sua contribuição historiográfica”, analisou esse centro de estudos “como escola heterodoxa de historiadores da eclesiologia latino-americana, autônoma desde a sua formação em relação à hierarquia católica [...]”. Com o título “O cotidiano no Brasil colonial segundo fontes da Igreja”, Marcos Aurélio de Paula Pereira procurou “construir o cenário do cotidiano da vida social do Brasil no período colonial”.

Na parte reservada à dinâmica da religiosidade no Brasil, com “Deus é pop: sobre a radicalidade do trânsito religioso na cultura popular de consumo”, Leila Amaral abordou “a vivência religiosa pós-moderna típica da Nova Era”, um movimento “sem vínculos com as estruturas religiosas convencionais”. Já Jefferson Olivatto da Silva, com o título “Por uma análise epistemológica do ethos do candomblé de Londrina”, discutiu “as novas modalidades de sincretismo afro-brasileiro”. Em “Dominós da ditadura: Seicho-no-Ie do Brasil”, Leila Marrach Basto de Albuquerque discutiu “a conduta da obediência como fenômeno de origem japonesa com interferência na vida prática de seus adeptos brasileiros”.

A última parte do livro foi dedicada aos estudos sobre protestantismos e pentecostalismos brasileiro. Nesse sentido, Elizete da Silva ofereceu o estudo “Protestantismo brasileiro: um balanço historiográfico”, no qual apresenta “estes segmentos religiosos” como constituintes de “um fenômeno de massa de tipo novo”. Em “Espaços privilegiados do poder religioso evangélico”, José Quirino Tavares Neto, discutiu as relações de poder no campo evangélico, apontado que, ao ganhar “expressão social”, um grupo se sente “legitimado pelos valores que professa internamente”, passa “a explicitá-los de forma mais decisiva, para toda a sociedade, por meio de mediações políticas efetivas”. Lyndon de Araújo Santos finalizou o livro com o estudo “Protestantismo e pentecostalismo no Maranhão – séc. XIX-X”, fazendo um debate “historiográfico de um protestantismo genuíno que sobrevive inserido no sistema geocultural maranhense”, relacionando-o às tradições do catolicismo popular e das expressões religiosas afro-brasileiras. (Siepierski; Gil, 2005, p. 8, 9).

A coleção, assim, ocupou-se, dentre outras temáticas, do catolicismo tradicional, das relações de poder no campo evangélico, do trânsito religioso e da cultura popular de consumo, das novas modalidades do sincretismo no Brasil, das formas de obediências nas religiões orientais e dos protestantismos e pentecostalismos brasileiros em ação em espaços culturais e geográficos de influência do catolicismo popular e da cultura afro-brasileira. A parceria ABHR/Paulinas possibilitava, dessa forma, a circulação de pesquisas recentes, fazendo uso de um selo com capilaridade científica, o que chancelava o reconhecimento da ABHR no meio editorial.

Em 2009, a coleção foi organizada por Adroaldo José Almeida, Lyndon de Araújo Santos e Sérgio Ferreti. A Comissão Editorial continuava a mesma de 2005, ou seja, Silvio Luiz Sant’Ana (editor), Frank Usarski, Sérgio Ricardo Coutinho e Silas Guerriero. A obra foi resultado de trabalhos apresentados no VIII Simpósio Nacional da ABHR, realizada na Universidade Federal do Maranhão, em 2006. A publicação foi dividida em três partes: “Reflexões sobre o pensamento de Nina Rodrigues; Reflexões socio antropológicas sobre religião, raça e identidade; Recortes históricos sobre religião, raça e identidade”.

A primeira parte foi iniciada com o capítulo de Kabengele Munanga, denominado de “Negros e mestiços na obra de Nina Rodrigues”, no qual destacou os debates que provocou o etnógrafo maranhense em seus textos, apontando o

“seu erro de ter dado a esses fenômenos culturais uma explicação rúcica, de acordo com a ciência da época”. Lilia Moritz Schwarcz, em “Nina Rodrigues e o Direito Penal: mestiçagens e criminalidade”, expôs Nina Rodrigues como o “defensor das diferenças entre raças no Brasil”, pensadas na perspectiva do darwinismo social. No artigo, Schwarcz “analisa diferenças entre o pensamento de Nina Rodrigues e o de Silvio Romero e a Escola de Recife”. Vagner Gonçalves da Silva contribuiu com o texto “O etnógrafo e os animistas: Nina Rodrigues e a formação da etnografia afro-brasileira”, sinalizando que o etnógrafo “lançou as bases da observação participante no campo religioso brasileiro, dividido entre uma teoria estrangeira que preconizava a hierarquia entre as raças e o seu contato pessoal com negros, com os quais não consegue disfarçar sua simpatia”. Com o título “Desigualdades sociais, políticas públicas e religião: observações por ocasião dos centenários de Nina Rodrigues e da Rua Azuza”, Alexandre Brasil Fonseca, ao debruçar sobre a presença do negro na obra de Nina Rodrigues e sobre o surgimento do pentecostalismo brasileiro, propôs um debate “em torno das políticas públicas do Estado brasileiro atual”, um ente capaz de “estabelecer políticas de respeito cidadania a partir da participação efetiva de minorias [...].

Na segunda parte, em “Pluralismo religioso no Brasil: “O Sagrado está solto!””, Leila Marrach Basto de Albuquerque, a partir do olhares urbanos do jornalista João do Rio e do antropólogo José Guilherme Cantor Magnani, no início do século XX, mostrou “como, em meio ao desencantamento e à secularização, o sagrado encontra novas formas de manifestações num contexto de pluralidade”. Frank Usarski, com “O *dharma* verde-amarelo diversificando: quatro perspectivas sobre o Budismo brasileiro contemporâneo”, enfatizou o aspecto plural do budismo, desviando-se da divisão clássica da vertente asiática. O autor entende residir no budismo brasileiro uma compreensão de uma “religiosidade diversificada e transreligiosa, compartilhada até mesmo com o Cristianismo”. Com “Religiões em pedaços”, Silas Guerriero expressou “o processo de pulverização das religiões no Brasil, acentuado pelo pragmatismo que estaria caracterizando o comportamento do brasileiro [...] mais propenso a estabelecer novas hibridações religiosas”. Mundicarmo Ferreti, em “Oralidade e transmissão do saber nas religiões afro-brasileiras”, ao discutir as mudanças provocadas pelo saber escolar e pelas novas tecnologias, sinaliza que tais mudanças “têm modificado a transmissão do saber das religiões afro-brasileiras, tradicionalmente mantidas pela oralidade, além de afetar a distribuição de poder dentro dos terreiros”.



Finalizando a seção, Marcelo Ayres Camurça, sob o título “Religião e identidades étnicas no Brasil contemporâneo: pequeno ensaio bibliográfico”, realizou uma breve revisão de literatura sobre os estudos de religião no Brasil e a questão da identidade, destacando os autores mais recorrentes e seus diálogos com o antropólogo Clifford Geertz.

Contribuíram com a última parte do livro Ronaldo Vainfas, Jocélio Teles dos Santos e Eduardo Basto de Albuquerque. O primeiro, em “A babel religiosa no Brasil holandês”, ilustrou a trajetória dos cristãos-novos e dos judeus em Pernambuco, apontando ainda “casos de católicos que se converteram ao Calvinismo e voltaram ao Catolicismo, fato que ocorreu com os padres e com os índios”. Em “Intertextualidades na repressão aos Candomblés baianos no século XIX”, Jocélio Santos analisou “textos de romances e publicações da imprensa soteropolitana”, destacando que os objetivos dessas publicações seriam a de “reprimir as religiões afro-baianas”, mas que “acabavam por fazer uma descrição dos rituais e divulgavam as representações religiosas do povo de santo da Bahia”. Eduardo Bastos, por sua vez, em “Arthur Ramos, a História das Religiões e as religiões afro-brasileiras”, identificou “os fundamentos metodológicos inovadores de Arthur Ramos desde a psicologia social e o critério da racionalidade que distingue as religiões, bem como o uso da História das Religiões para compreender as religiões no Brasil” (Almeida; Santos; Ferreti, 2009, p. 7-11).

A edição foi densa no que se refere às compreensões da diversidade cultural e suas influências nas religiões e religiosidades brasileiras. Para tanto, comportou textos que se ocuparam de temáticas como negros, mestiços, diferenças de raças e trabalho etnográfico na obra de Nina Rodrigues; das relações entre a cultura afro-brasileira e o pentecostalismo; dos pluralismos e hibridismos da religiosidade urbana do início do século XX, marcada por forte presença da cultura africana; dos encontros culturais e religiosos de católicos, protestantes e judeus no Brasil holandês; das representações dos povos santo da Bahia nos romances; das reflexões do campo da História das Religiões a partir das contribuições de Arthur Ramos. A parceria ABHR/Paulinas permitia, assim, a ampliação dos debates históricos, antropológicos, etnográficos e sociológicos que tomavam vulto e envolviam diferentes pesquisadores em religião.

Em 2010, foi publicada a edição organizada por Angelo Adriano Faria de Assis e Mabel Salgado Pereira, que reuniu textos apresentados e selecionados no

simpósio nacional da ABHR, realizado em 2007, na Universidade Federal de Viçosa, MG. A Comissão de Editores era composta por Silas Guerriero (editor), Frank Usarski e Lauri Wirth. Como em edições anteriores, a obra foi dividida por temas. O primeiro foi dedicado às experiências do sagrado; o segundo, às manifestações religiosas e heréticas de grupos, indivíduos e instituições; o terceiro, ao debate entre o sagrado e o profano em imagens e imaginários.

Célia Maia Borges inaugurou a primeira temática com o estudo “As mensageiras do Senhor: a situação ambígua das beatas na Península Ibérica – séculos XVI a XVIII”. Nele, a autora analisou os papéis representados pelas beatas no período, destacando o “reforço ao movimento de espiritualidade, elemento ameaçador à hierarquia eclesial, o papel da Inquisição e a força da imaginação como fonte legitimadora da realidade [...]”. Em “Para uma história das formas de ascetismo leigo em Minas Colonial: o caso dos ermitões”, Sérgio da Mata se ocupou de leigos que, “na vivência de sua santidade, realizam, através de suas ações no mundo, uma das vias mais privilegiadas de racionalização da vida religiosa [...]”. Suely Creusa Cordeiro de Almeida, com o capítulo “Penitentes e devotas: uma religião beata como experiência feminina no século XVIII”, debateu “uma mística fortemente marcada pela mestiçagem, que caminha para as possibilidades locais”, mesmo não fugindo “da normatização construída pela sólida tradição do Cristianismo”.

No segundo conjunto temático, com o título “O Islão na diáspora: mouriscos africanos em Portugal quinhentista”, Rogério de Oliveira Ribas sinalizou para os “principais dogmas da religião de Maomé: a unicidade de Allah no céu e na terra, a crença nos profetas escolhidos e enviados por Deus [...]” e para aspectos caros ao Islã, como a “crença no juízo final”. Ao mesmo tempo, Ribas relacionou os dogmas do Islã aos conhecimentos que a comunidade mourisca portuguesa tinha acerca do cristianismo. Em “Cristãos-novos, critérios de limpeza de sangue e a assistência de Portugal da Companhia de Jesus (séculos XVI e XVII)”, Célia Cristina da Silva Tavares advertiu que o funcionamento da legislação sobre pureza de sangue em Portugal, verificado entre os jesuítas, “foi tardio e fortemente influenciado pela legislação espanhola”. Angelo Adriano Faria de Assis, com “Entre a coerção e a misericórdia: sobre o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição em Portugal”, discutiu “a presença do Santo Ofício no mundo luso-americano”, traçando “um breve panorama das produções sobre o tema, dentro e fora da Academia”. Vasni de Almeida, em “A escrita da história de Duncan Alexander

Reily”, situou e analisou a produção desse historiador do metodismo brasileiro “numa comparação com a correntes majoritárias do campo historiográfico protestante”, percebendo-a “como uma das bases do pensamento religioso reformado no Brasil”. Finalizando essa seção, o capítulo de Sabrina Mara Sant’Anna, “As irmandades mineiras de Nossa Senhora da Boa Morte”, evidenciou as “ações de assistencialismo, os compromissos dos afiliados e as festividades” dessas irmandades, mostrando ainda como as mensagens do “bem viver” e do “bem morrer” foram difundidas na sociedade colonial.

Na última parte da obra, Sonia Siqueira, com o estudo “Religião e religiosidade: continente ou conteúdo?” focalizou a “Cristandade e sua religiosidade, dentro e fora dos lugares sagrados, a espiritualidade e as diversas expressões da experiência religiosa no pensamento”, com atenção voltada para o “Brasil contemporâneo”. Em “Paris, Praça Tiradentes: laicidade e símbolos religiosos no Brasil”, Emerson Giumbelli analisou as articulações entre a laicidade verificada na implantação do regime republicano brasileiro e “certas referências religiosas que participam da composição dos símbolos”, procurando indicar que “o novo regime não produziu barreiras à inserção do religioso na esfera pública”. Com o capítulo “Ciências das Religiões: os “novos” paradigmas e o duplo”, Carlos André Macêdo Cavalcanti, ao buscar compreender “os limites do saber científico para o conhecimento das religiões”, traçou as possibilidades abertas por “novos campos, teorias, perspectivas” para “a análise das religiões, assim como suas repercussões e desdobramentos para os campos da ética e para a política”. Em “O espaço sagrado e o espaço físico: o uso das imagens entre a retórica e visão religiosa”, Magno Moraes Mello avaliou como “os hábitos culturais e os condicionamentos sociais dos problemas permitem compreender e explicar a produção artística religiosa e a divisão espacial do sagrado”. José Luiz Foureaux de Souza Junior, com o título “O evangelho segundo Jesus Cristo: notas acerca de um (certo) parricídio”, buscou, por meio da obra de José Saramago, discutir o tema à luz da “necessidade de repensar a constituição de um *locus* para o sujeito na conjuntura cultural lusitana”. Para fechar a seção e a obra, Gerson Luiz Roani, em “Literatura inspirada: o imaginário judaico e a literatura”, promoveu “uma análise do horizonte identitário judaico”, passeando “pelos textos clássicos e fundadores do hebraísmo” e de outros autores, “procurando aproximações e distanciamentos em suas construções literárias”. (Assis; Pereira, 2010, p. 7-12).

Os organizadores do volume tiveram a preocupação em abrigar estudos resultados de pesquisas sobre beatas e ermitões em Portugal e no Brasil, sobre mouriscos e cristãos novos em tempos de Inquisição, sobre as irmandades e suas devoções no Brasil Colonial, bem como sobre o debate historiográfico envolvendo a escrita acadêmica de um protestante. Trouxeram reflexões sobre as manifestações do sagrado em espaços públicos, na literatura e nas pesquisas em ciências das religiões, o que configura o uso do espaço editorial da Paulinas para o avanço e diversificação das pesquisas sobre religiões e religiosidade no Brasil. Dessa forma, podemos entender que havia insistência e acerto condução da parceria.

Eduardo Gusmão Quadros e Maria Conceição Silva organizaram, em 2011, dezessete estudos resultados de comunicações, palestras e conferências realizadas no XI Simpósio Nacional da ABHR, ocorrido na Universidade Federal de Goiânia, em 2009. A Comissão de editores era a mesma de 2010. Os organizadores optaram por não separar os capítulos por temas, todavia, o encadeamento dado sugere a opção de partir dos estudos religiosos gerais para, em seguida, alocarem os estudos de natureza cultural; logo após elencaram os que analisavam as relações entre religião e políticas e finalmente, os de caráter teórico e metodológicos da história das religiões.

Assim foi que Pedro Paulo Funari e Gabriella Barbosa Rodrigues, com o título “Diversidade religiosa: as religiões que o mundo esqueceu”, iniciaram o obra apresentado reflexões sobre “as longínquas religiões do mundo pré-cristão”, no sentido de auxiliar na compreensão das “lógicas do politeísmo antigo”. Nos textos “Divindades e lugares de culto no Aos Gentios: relendo Tertuliano”, de Ana Teresa Marques Gonçalves e em “A sinagoga como espaço de sociabilidade entre cristão e judeus na Antioquia, segundo João Crisóstomo”, de Gilvan Ventura da Silva, há a busca de se apresentar “as trocas, as ressignificações e incorporações ocorridas dentro da ruptura identitária com a tradição romana e judaica, respectivamente”. Por seu lado, Marco Antonio Neves Soares, sob o título “Mito e subjetividade: apropriações contemporâneas”, analisou “a persistência” da narrativa sobre Édipo, “demonstrando seu impressionante potencial de ressignificação”.

Os estudos de Eduardo Gusmão Quadros, “Exercícios espirituais na missões amazônicas” e o de Maria Conceição Silva e Claudio Fernandes Ribeiro, “A vida de uma mística visionária e seu confessor condenados pela Inquisição

portuguesa no século XVII”, abordaram a mística do missionário, voltada para o povo, ao mesmo tempo em que analisaram uma mística selvagem oriunda das mulheres visionárias no interior da Europa. Mundicarmo Ferreti, com “Identidade e resistência em um terreiro de São Luís, MA: a casa Nagô”, analisou “a manutenção de uma identidade tantas vezes discriminada e reprimida”, enfatizando “o papel da *reza* dentro da tradição religiosa” do Tambor de Mina.

No conjunto de textos voltados para as relações entre religião e questões sociais e políticas, com o título “Gênero e ecologia: dimensões da mística nas lutas camponesas”, Carolina Teles Lemos, oferece, a partir da crise do paradigma libertário, ocorrido no interior dos movimentos sociais do campo, uma nova chave de leitura para as novas místicas relacionadas ao gênero e à ecologia. Em “Sociabilidades protestantes: uma análise sobre o mito e o rito no Protestantismo de teologia fundamentalista”, Haller Elinar Stach Schünemann indica que a ideia de rejeição do mundo, um dos padrões éticos de “controle socioideológico, continuam “fortes no mundo contemporâneo”. Vasni de Almeida, com o capítulo “Discursos libertários do metodismo brasileiro no final da ditadura militar (1982-1985)”, apontou a aproximação dos discursos dos evangélicos metodistas aos discursos políticos progressistas dos católicos alinhados à Teologia da Libertação, muito em razão dos anseios de sua juventude evangélica. Em “Outra estrutura normativa para a Igreja Católica? O caso Williamson, a crise do sistema romano e a busca de consenso no mundo da vida dos católicos”, Sérgio Ricardo Coutinho estudou as estratégias centralizadoras dos papados de João Paulo II e Bento XVI. Sobre o mesmo tema se debruçou Wellington Teodoro da Silva, em “O Cristianismo, a política e o mito do centro”. Por sua vez, Solange Ramos de Andrade, em “Breves considerações acerca da vitalidade do mártir no Catolicismo”, tece considerações esclarecedoras sobre a revitalização do “sacrifício no Catolicismo atual”. No estudo “Nova Era: nova subjetividade?” Alberto da Silva Moreira “aponta as tradições e limites do subjetivismo que marca tais manifestações religiosas”.

Três estudos finalizam a obra: “História das religiões: perspectivas e abordagens”, de Elizete da Silva; “Metodologia na abordagem histórica das religiões”, de Eduardo Basto de Albuquerque e “Sete ideias para uma História das Religiões”, de Luis Sérgio Duarte da Silva. Elizete da Silva destacou a importância da “abordagem científica da religião para o Ensino Religioso”. Eduardo Basto discutiu “os jogos semânticos da religião com o religioso, indicando as implicâncias

metodológicas de cada perspectiva”. Luis Sérgio levantou “sete teses acerca da abordagem da transcendência e da alteridade sagrada”. (Quadros; Silva, 2011, p. 7-10).

O volume trouxe à público uma pluralidade de estudos sobre os quais se envolviam os pesquisadores e pesquisadoras da ABHR (ou não) e que demonstravam pesquisas científicas interdisciplinares. Assim, tivemos uma escrita sobre as religiões do mundo pré-cristão; análises acerca da mística dos missionários e dos considerados por esses como selvagem; considerações sobre novas místicas relacionadas ao gênero e à ecologia; comparações dos discursos dos evangélicos aos discursos políticos progressistas dos católicos alinhados à Teologia da Libertação; e, finalmente, enfoques acerca das abordagens científicas em religião.

### **Considerações finais**

Como destacamos no decorrer desse texto, diversos problemas cercaram as edições as Coleções ABHR/Paulinas: a confusão dos sócios quanto aos papéis a serem exercidos pela Comissão de Editores da Associação e a do editor da Paulinas, ocorrida até a decisão da assembleia em destinar a organização dos volumes aos responsáveis pelos eventos anuais; as dificuldades dos organizadores das obras em cumprirem os prazos estipulados pela Editora Paulinas, o que fazia com que os livros estivessem prontos somente muito depois de realizados os eventos. Um outro problema que incomodava os associados eram os critérios de seleção de textos a serem publicados, pois não havia regras claras para isso, ou mesmo sobre os critérios dos organizadores dos volumes para a retiradas de trechos dos capítulos submetidos. Mas se havia problemas, havia também acertos: o formato editorial dos volumes primava pela alta qualidade, com a editora assumindo os custos das publicações e repassando à ABHR todos os recursos resultados das vendas de livros efetuadas.

Em que pese os problemas verificados havia consenso entre os associados que a parceria seria importante para a consolidação da ABHR. As edições foram compreendidas como estratégias significativas no sentido de romper as barreiras ainda existentes nas publicações e circulação de temas sobre religiões e religiosidades, fossem em bibliotecas dos cursos de graduação ou em programas de pós-graduação. A força da Paulinas no meio editorial brasileiro foi concebida

como estratégica para a aceitação da ABHR no campo acadêmico/científico, em um momento em que os cursos, os programas e as casas publicadoras universitárias davam pouca atenção ao que se produzia nos estudos sobre religiões.

Os estudos veiculados nas Coleções ABHR/Paulinas indicam que teorias e métodos do campo histórico, antropológico, geográfico, filosófico, teológico, entre outros, foram assumidos como significativos para a compreensão de práticas e discursos religiosos. Em apenas quatro volumes pesquisados, encontramos conceitos e categorias presentes em obras de De Certeau (1999), Burke (1992), Lévi-Strauss (1962), Foucault (1979), Geertz (2001), Leonard (1963), Tillich, Elias (1999), Bastide (1971). As coleções fizeram circular ainda considerações importantes nas obras centrais de Hoornaert (1995), Mendonça (1990), Reily (1993), Dreher (1993), Azzi (1987), Alves (1979) e Camargo (1973), nomes já bem conhecidos nas bibliotecas dos centros de estudos de religião.

A parceria ainda possibilitou, com êxito, a disponibilidade de temas e debates que deram representatividade à ABHR junto aos programas de pós-graduação, núcleos e grupos de pesquisa, em universidades públicas e privadas, ao mesmo tempo que disponibilizou aos seus associados novas propostas metodológicas para a compreensão e tratamento dos aspectos religiosos, necessárias para se entender as complexidades grupos sociais cada vez mais apegados às religiões e às religiosidades. Como lembra Chartier (1990), os textos evidenciam intenções. Não são, como destacamos no início do artigo, discursos neutros.

### **Referências bibliográficas**

ALMEIDA, Adroaldo J. S.; SANTOS, Lyndon de Araújo; FERRETI, Sérgio F. *Religião, raça e identidade: colóquio do centenário da morte de Nina Rodrigues* (orgs.). São Paulo: Paulinas / Coleção ABHR, 2009.

ALVES, Rubem. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1979.

ASSIS, Angelo Adriano Faria de; PEREIRA, Mabel Salgado (orgs.). *Religiões e religiosidades: entre a tradição e a modernidade*. São Paulo: Paulinas / Coleção ABHR, 2010.

AZZI, Riolando. *A cristandade colonial: um projeto autoritário: história do pensamento católico no Brasil*. São Paulo: Paulus, 1987.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações*. São Paulo: Edusp, 1971.

- BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.
- CAMARGO, Cândido C.P. Ferreira. *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CERTEAU, Michel de. *Invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da UnB, 1999.
- DREHER, Martin. *Imigrações e história da Igreja no Brasil*. Aparecida: Santuário, 1993.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- HOORNAERT, Eduardo (org.). *História da Igreja na América Latina e no Caribe (1945-1995): o debate metodológico*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LEONARD, Émile-G. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. São Paulo: Aste, 1963.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Le totemisme aujourd'hui*. Paris: PUF, 1962.
- MENDONÇA, Antônio G. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.
- QUADROS, Eduardo Gusmão de; SILVA, Maria da Conceição da (orgs.). *Sociabilidades religiosas: mitos, ritos e identidades*. São Paulo: Paulinas / Coleção ABHR, 2011.
- REILY, Duncan A. *História documental do protestantismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Aste, 1993.
- SIEPIERSKI, Paulo D.; GIL, Benedito M. (ORGS.). *Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens*. São Paulo: Paulinas / Coleção ABHR, 2011.
- SITE DA EDITORA PAULINAS:  
[www.paulinas.org.br/comep/?system=paginas&action=read&id=348](http://www.paulinas.org.br/comep/?system=paginas&action=read&id=348). Acesso em 08 de junho de 2018.
- SITE DA ABHR: <http://www.abhr.org.br/>. Acesso em 08 de junho de 2018.

---

<sup>1</sup> As Edições Paulinas foi fundada em 1960, em Curitiba, PR, sob a tutela da Pia Sociedade de São Paulo (Irmãs Paulinas). Informações contidas no site da editora. Acessível em: [www.paulinas.org.br/comep/?system=paginas&action=read&id=348](http://www.paulinas.org.br/comep/?system=paginas&action=read&id=348). Acesso em 08 de junho de 2018.

Recebido em 06/04/2019, revisado em 29/10/2019, aceito para publicação em 06/11/2019.